

FH, de sociólogo a presidente

■ Pensamento do acadêmico candidato ao Senado, exposto no livro 'Democracia para mudar' em 78, transformou-se radicalmente

FABRÍCIO MARQUES

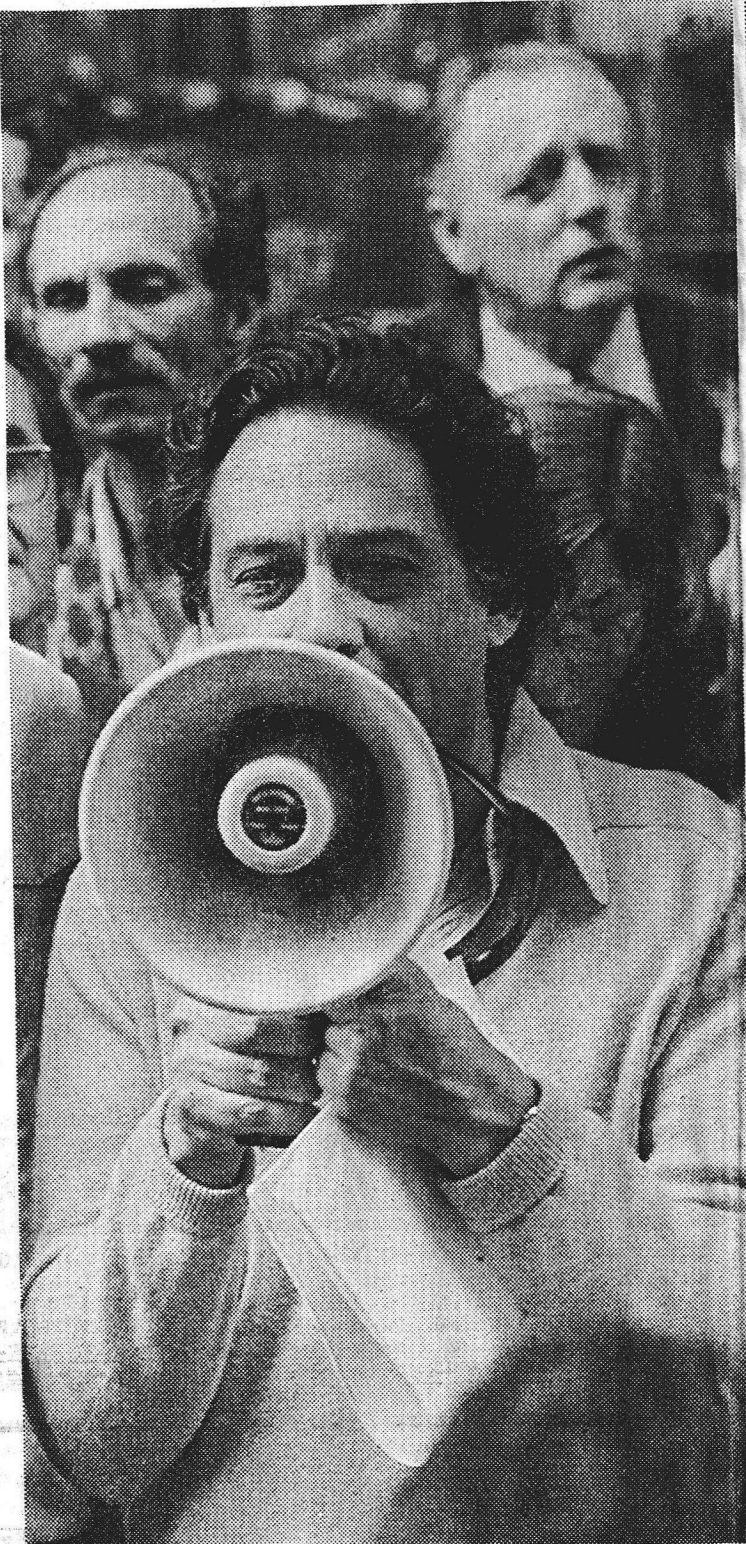
SÃO PAULO — Em 1978, um sociólogo de esquerda que se lançava candidato a senador pelo MDB de São Paulo publicou um livrinho de 108 páginas em que apresentava suas idéias e plataforma política. Aquele sociólogo, hoje presidente Fernando Henrique Cardoso, conseguiu a primeira suplência na eleição de 1978 e foi debutar no Parlamento quatro anos mais tarde, quando Franco Montoro assumiu o governo paulista e lhe deixou a vaga no Senado. A releitura do livrinho, intitulado *Democracia para mudar — 30 horas de entrevista*, traz um curioso panorama de como mudou radicalmente (como dizem os inimigos de Fernando Henrique) ou evoluiu (como dizem os amigos) o pensamento do presidente da República em sua trajetória política.

Os argumentos de Fernando Henrique em 1978 eram muito parecidos com os da oposição ao seu governo hoje. Reforma agrária? Ele acreditava que o Brasil podia tranquilamente liquidar com o latifúndio. Citava até o exemplo da Suécia, que esquartejou suas grandes propriedades ao longo dos séculos 18 e 19. Socorro a bancos privados? Fernando Henrique achava isso um escândalo nos anos 70. Numa enorme ironia, ele até cita no livrinho o caso do Banco Econômico, que na época lerou o Banco Central em 200 milhões de cruzeiros. "Tem um caso escandaloso que está na imprensa, que é o do Banco Econômico. Um cheque de 200 milhões de cruzeiros, quem pagou foi o Banco Central. E depois o banco privado vai pagar, mas sem juízo, quer dizer, doação. Quem é lesado? O povo, obviamente", disse Fernando Henrique, sobre o banco cuja quebra em 1995 obrigou-o a instituir o Proer, programa de socorro a bancos falidos que já consumiu cerca de R\$ 20 bilhões.

Num ataque ao fisiologismo dos políticos, o sociólogo aspirante a senador dizia-se muito satisfeito com dois segmentos da sociedade que o apoiavam: os metalúrgicos liderados por Lula, no ABC paulista, e os estudantes (dois focos da oposição ao governo, hoje).

Salários — Fernando Henrique, como aliás os economistas da época, não dava muita importância à tese de que o controle da inflação é um requisito para atacar as desigualdades sociais. Salários? "Acho que nós deveríamos até pensar em dobrar o salário mínimo. Não tem nada de tão extraordinário assim. Agora, dobrar o salário mínimo vai ter um efeito inflacionário. Vai, mas depende, insisto, de como você vai articular outras políticas", dizia ele em 1978. Juros? "Queremos salários altos e juros baixos, que significaria o passo adiante a ser dado agora. Salários altos e juros baixos, porque as coisas estão ligadas. Por que é que existem juros altos? Por que o modelo está todo pendurado para fora? Tem que mudar", afirmava.

O discurso de Fernando Henrique mudou por alguns motivos bem definidos. De um lado, ele soube acompanhar as mudanças no país e no mundo (da ditadura à democracia, da Guerra Fria à globalização, da economia fechada aos blocos). O ideário do sociólogo marxista renderia ainda hoje bons discursos no Senado, mas não



Na campanha para senador em 78 (E), Fernando Henrique criticou a ajuda federal aos bancos, que, em 1996, mandou executar



combina com a imagem do artífice do Real nem com a do presidente poliglota que esbanja charme pelo mundo vendendo um Brasil moderno. No ninho dos tucanos, uma reclamação corrente contra Fernando Henrique é que ele deixou-se tanto envaidecer por essa imagem, que, em algumas situações, age não de acordo com o que o partido pensa, mas segundo o que o mercado, as elites do país ou os parceiros internacionais esperam que faça. E há, obviamente, o fato de que Fernando Henrique não está mais na oposição, onde se pode defender uma utopia sem o compromisso de levá-la à prática. A pergunta que persiste é a seguinte: houve coerência nessa mudança de pensamento do presidente?

Há controvérsias. O cientista político Bolívar Lamounier acha que houve coerência, sim. "Não vejo descontinuidade na trajetória de Fernando Henrique", afirma. "O presidente teve uma sólida formação marxista, mas não o marxismo vulgar que existe por aí. Foi um marxismo bem lido. Aquela teoria da dependência, que ele tra-

çou nos anos 60, dizia que cada país, embora dependente, tinha uma maneira peculiar de se inserir na economia mundial. O que o Brasil está fazendo hoje? Exatamente isso, só que num mundo bem diferente dos anos 60.

Capital — "O presidente acredita que o desenvolvimento social depende de acumulação de capital, que não existe desenvolvimento sem investimentos de vulto, senão a gente cai no assistencialismo barato", afirma o cientista político. Lamounier compara a situação de Fernando Henrique à biografia do político e magistrado Bernardo Pereira de Vasconcelos (1795-1850), um ultraliberal do Império que se converteu em conservador quando se convenceu que suas idéias estavam fazendo pipocar revoltas regionais que ameaçavam a integridade territorial do país. Como Fernando Henrique, foi ministro da Fazenda (1831-1832). "O fato de Vasconcelos ter mudado de idéia transformou-o num estadista e enriqueceu sua biografia", afirma Lamounier.

A cientista política Maria Victória Benedit, da USP, não concorda com essa tese. Acha que Fernando Henrique Cardoso descaracterizou-se e rompeu com princípios éticos depois que foi alçado à Presidência da República. "Fernando Henrique se apresenta como um intelectual, mas o que ele é há muito tempo é um político", diz Maria Victória. "Isso piorou muito quando chegou ao poder. O presidente passou a desqualificar todo mundo que se opõe a ele, a sugerir que quem está contra ele está contra o país. Não é papel de um cientista social, que tem como requisito essencial a abertura para a dúvida, para o debate, a contestação, a crítica. E, de social democrata bem identificado, hoje tem um discurso de liberal ortodoxo", diz a cientista política, que cita o discurso das "baionetas" contra os sem-terra como o paroxismo da nova retórica de Fernando Henrique.

"Não vejo a vantagem de ter um intelectual no poder se a questão da reforma

agrária, que é social e vital para garantir direitos humanos, é tratada como caso de polícia. E se o homem forte do governo é Antônio Carlos Magalhães, conhecido pelas práticas truculentas, e tão criticado por Fernando Henrique quando era senador", diz Maria Victória.

Que o sociólogo Fernando Henrique converteu-se num "animal político", sua trajetória no Senado e no governo Itamar Franco está aí para provar. A mudança de rumo foi paulatina e ficou sujeita a oscilações ao longo dos anos 80. Em 1985, guiado à liderança do governo no Congresso pelo presidente eleito Tancredo Neves, teve sua primeira experiência no poder, mas enfrentou problemas de adaptação. Passou o constrangimento de defender o rompimento do PMDB com o presidente José Sarney 48 horas antes da decretação do Plano Cruzado. Voltou atrás e se beneficiou da onda do Cruzado para reeleger-se senador em 1986. Nessa época, Fernando Henrique já falava, por exemplo, da importância de conter os salários para segurar a inflação. "É preciso conter os salários por causa do descontrole inflacionário. Na época do Delfim, dizia-se que era preciso crescer para depois repartir o bolo. Não era uma fase de recessão como hoje, mas de crescimento", disse, numa entrevista em setembro de 1987.

Poder — Em 1988, rompeu com o governo Sarney e ajudou a fundar o PSDB. Voltou a flertar com o poder no governo Collor, quando defendeu o apoio de seu partido ao governo, isolado no Parlamento. "Se o presidente Collor oferecer ao país a oportunidade de uma retomada do crescimento, da conduta moralizadora, da eficiência do Estado, haverá plenas condições para que vários partidos topem uma negociação. O PSDB topa", disse Fernando Henrique Cardoso numa entrevista em setembro de 1991. Dirigentes tucanos como Tasso Jereissati se opuseram à aliança e o PSDB se manteve na oposição. Dois meses depois, estourava o escândalo Collor-PC. No governo Itamar, o político Fernando Henrique teve a chance de sua vida. De ministro da Fazenda virou o presidente da República do Plano Real.

Apesar das mudanças de conteúdo, o discurso de Fernando Henrique mantém uma mesma estrutura. No livro de 1978, já estavam lá as citações a pensadores ou a países que ele conhece, que sempre dão aquele ar acadêmico a tudo o que o presidente fala. O artificio de incorporar o discurso do adversário, para rebatê-lo naquilo que tem de fraco, também era uma característica do sociólogo dos anos 70. Isso, a ponto de o sociólogo de esquerda elogiar as qualidades do então governador biónico paulista, Paulo Salim Maluf, satanizado pela oposição da época. "Há dois lados simpáticos para mim: é a primeira vez que vai haver um governador de São Paulo que se chama assim, Salim Maluf. Segundo aspecto simpático: ele teimou. Agora, é uma pena que ele seja o mesmo do escândalo Lutfalla. É uma pena, depois de 14 anos de uma revolução que diz que veio para democratizar, que a Arena esteja aí, tendo de digerir esse adermarismo atualizado, mais rápido ainda no gatilho."

FH EM DOIS TEMPOS

SOCORRO A BANCOS

O sociólogo em 1978

"Tem um caso escandaloso, que está na imprensa, que é o do Banco Econômico. O que aconteceu? Um cheque de 200 milhões de cruzeiros, quem pagou foi o Banco Central. E depois o banco privado vai pagar, mas sem juízo, sem correção monetária — quer dizer, doação. Quem é lesado? O povo, obviamente."

O presidente da República

"Na área de bancos, demoramos a perceber a gravidade da questão. (...) Quando foi para resolver a questão do Econômico, nós atrasamos. (...) Os banqueiros vão pagar o que devem. Não tenho nenhuma gana especial por eles nem quero exorcizá-los, até porque o sistema capitalista não existe sem banqueiros."

(Em janeiro de 96, falando sobre o Proer, programa de socorro que injetou R\$ 20 bilhões em bancos quebrados).

SALÁRIO MÍNIMO

O sociólogo em 1978

"Então, se quisermos falar seriamente de melhorar a situação do Brasil, é melhorar a situação dessa gente que recebe até dois salários mínimos. (...) Acho que nós deveríamos até pensar em dobrar o salário mínimo. Não tem nada de tão extraordinário assim, desde que faça parte de um conjunto de medidas que alterem a política econômica."

O presidente da República

"Se estou contente com o salário mínimo? Quem é que pode estar contente com salário? Salário é uma questão de quanto mais

melhor, para quem recebe e para quem dá. Não posso estar contente. Se eu puder dar mais, dou mais." (Em 27 de abril de 97, sobre o aumento de R\$ 8 no salário mínimo, que passou de R\$ 112 para R\$ 120).

JUROS

O sociólogo em 1978

"Assim como eu exijo democracia para mudar, queremos também salários altos e juros baixos, que é o lema que significaria o passo adiante a ser dado agora. Salários altos e juros baixos. Porque as coisas estão ligadas. Por que é que existem juros altos? Por que o modelo está todo pendurado para fora? Tem que mudar."

O presidente da República

"Com as reservas baixando e as importações crescendo, tive de dar uma freada no crescimento. Tivemos que fazer aquilo que não foi feito no Cruzado e custa impopularidade. Diziam: 'Ah, mas parou o crescimento, a taxa de juros está alta, é um retrocesso na abertura'. Mas ou agíamos assim ou perdíamos o controle da estabilização." (Em janeiro de 96, sobre o freio na economia em 95).

MOVIMENTOS DE MASSA

O sociólogo em 1978

"Não creio que eu tenha mudado, não no essencial. Continuo achando que o fundamental é apoiar os movimentos de massa. Não acredito que o sistema político sozinho, mudando em cima, mude a sociedade. Você diz que eu vou entrar na política burguesa: não concordo com a expressão.

Estou na política que existe: que é a mesma onde qualquer um está."

O presidente da República

"Vem se amiadando incitamentos à desordem, inclusive por parte de lideranças nacionais de alguns movimentos que suscitariam simpatia da sociedade, não fosse sua agora óbvia vinculação político-sectária. (...) Pedras, paus e coquetéis molotov são argumentos tão pouco válidos quanto as baionetas. Só que menos poderosos." (Em maio de 97, sobre discurso de João Pedro Stédile, líder dos sem-terra, sugerindo protestos diante de supermercados).

REFERENDO POPULAR

O sociólogo em 1978

"Me refiro ao documento que encaminhei à direção nacional do MDB (...). O documento (...) caracteriza o Estado de Direito democrático pela mais ampla participação popular no processo decisório, como meta a ser alcançada pela convocação de uma Constituinte. Sugerimos a iniciativa popular na apresentação de projetos de lei e a adoção do referendo nas questões de importância nacional."

O presidente da República

"O Congresso tem autonomia e poderes para deliberar. Se o Congresso achar que, além do seu poder, tem que ouvir o povo, eu sempre gosto de ouvir o povo. Se o Congresso quiser, não tenho nada contra." (Em 23 de dezembro de 96, sobre a proposta da oposição de convocar um referendo popular sobre a emenda da reeleição).

ESTADISTAS

O sociólogo em 1978

"Infelizmente, nestes anos recentes, o país não gerou um estadista que permitisse afirmar com alívio: *Regem habemus* (Temos rei). Em vez de um De Gaulle que, bem ou mal, deu ao grande capital a tecnologia, ao Exército a força atômica e à França rumos por 20 anos, o que temos são pacotes, projetos e falatórios."

O presidente da República

"Estamos lutando contra a pobreza. Acabei de ver o relatório da ONU, que diz que o Brasil pode acabar em 20 anos com a pobreza. Eu acho que sim. Em 20 anos, será um país mais digno. É um país que não joga mais a poeira para baixo do tapete. O governo assume mesmo quando não é responsabilidade própria." (Na sexta-feira passada, em entrevista à Rádio Jovem Pan, de São Paulo).

REFORMA AGRÁRIA

O sociólogo em 1978

"O General Figueiredo se limitou a repetir, sobre o problema da propriedade da terra, as mesmas frases feitas (...). Não estou sonhando com grandes transformações revolucionárias. Estou pensando no que qualquer país pode tranquilamente realizar, como a Suécia fez nos séculos 18 e 19. Foi enfrentando enormes lutas sociais que os suecos conseguiram impor limites à propriedade fundiária e tornaram possível a Suécia de hoje."

O presidente da República

"Não aceito dizerem que não estamos fazendo nada. Podemos até estar fazendo mal, mas estamos fazendo alguma coisa (...). Até me alio a vocês, mas temos de ter propostas concretas, dentro da realidade e do orçamento. (...) É bom que fique claro que as críticas partem de um movimento de oposição."

(Em 18 de abril de 97, ao receber uma comissão dos sem-terra em seu gabinete, no Palácio do Planalto).

LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA

O sociólogo em 1978

"Realmente, o Lula é um homem excepcional. Mas há muitos seres excepcionais. Eles não podem é brotar. Esse operariado que está se movendo não é o das greves dos anos 50, (...) é o operariado ligado à grande indústria moderna. (...) O Lula representa o que há de novo, ele é uma espécie de força da natureza, mas ele é tudo isso porque representa condições novas."

O presidente da República

"O Lula perdeu o bonde. Ficou contra o plano econômico e agora diz que torce para o Real dar certo. Está precisando de uma muleta político. Senão, vai se esborrachar sozinho, com essas críticas ao Plano Real. (...) Eu estudei profundamente o Brasil. É assim que se faz. Não se estuda o Brasil passeando por aí, de caravana." (Em maio de 94, durante a disputa eleitoral com Lula, pela presidência).

* Fonte: *Democracia para mudar — 30 horas de entrevista*, de Fernando Henrique Cardoso, Editora Paz e Terra, 1978.